

HISTÓRIA ORAL E SOCIOLOGIA DO TRABALHO: AS NOVAS CATEGORIAS DO AGRESTE

Annahid Burnett¹

Resumo: Apesar de as profissões terem origens medievais e em alguns casos origens na antiguidade, a primeira tentativa sistemática de estudá-las surgiu no século vinte. Em parte, refletiu a emergência das ciências sociais, mas refletiu fundamentalmente uma grande mudança nas próprias profissões. Este artigo tem como objetivo fazer uma análise sobre as novas categorias profissionais emergentes no desenvolvimento da região Agreste através da bibliografia pertinente. Para a pesquisa empírica tomamos como metodologia a história oral de vida a partir das transcrições das entrevistas individuais livres dos agentes sociais locais. Verificamos, então, a contribuição sociológica no estudo da construção das categorias profissionais.

Palavras-chave: Sociologia do trabalho; desenvolvimento regional; história oral de vida.

ORAL HISTORY AND SOCIOLOGY OF LABOR: NEW CATEGORIES IN AGRESTE REGION

Abstract: Although the professions had medieval origins and in some cases origins in antiquity, the first systematic attempt to study them arose in the twentieth century. In part, it reflected the emergence of the social sciences, but it fundamentally reflected a major shift in the professions themselves. This article aims to analyze the new emerging professional categories in the development of Agreste, Brazil, through the relevant bibliography. For the empirical research we took as methodology the oral history of life from the transcripts of the free individual interviews of the local social agents. We then verified the sociological contribution in the study of the construction of professional categories.

Keywords: Sociology of labor, regional development, oral life history.

HISTORIA ORAL Y SOCIOLOGIA DEL TRABAJO: NUEVAS CATEGORÍAS DE REGION AGRESTE

Resumen: Aunque las profesiones tenían orígenes medievales y, en algunos casos, orígenes en la antigüedad, el primer intento sistemático de estudiarlas surgió en el siglo XX. En parte, reflejaba el surgimiento de las ciencias sociales, pero fundamentalmente reflejaba un cambio importante en las profesiones mismas. Este artículo tiene como objetivo analizar las nuevas categorías profesionales emergentes en el desarrollo de la región de Agreste, Brasil, a través de la bibliografía relevante. Para la investigación empírica, tomamos como metodología la historia oral de la vida a partir de las transcripciones de las entrevistas individuales gratuitas de los agentes sociales locales. Luego verificamos la contribución sociológica en el estudio de la construcción de categorías profesionales.

Palabras clave: Sociología del trabajo, desarrollo regional, historia de la vida oral.

Introdução

Apesar de as profissões terem origens medievais e em alguns casos origens na antiguidade, a primeira tentativa sistemática de estudá-las surgiu no século vinte. Em parte, refletiu a emergência das ciências sociais, mas refletiu fundamentalmente uma grande mudança nas próprias profissões. As profissões como conhecemos atualmente tiveram seu desenvolvimento no século dezenove. Elas foram organizadas de maneira acadêmica e, dessa forma, particularmente anacrônica. Profissão é a atividade especializada – manual, técnica, científica – de cujo exercício tira o homem a subsistência. O conceito tem tradição contínua na história e ganhou amplitude, em sua presente forma, com a Revolução Industrial do século XVIII.

O desenvolvimento do comércio e das cidades na Idade Média impôs maior número de artesãos dedicados às manufaturas. A organização dos artesãos em corporações para a defesa dos respectivos ofícios fazia-se em função da atividade profissional. Na própria corporação ministrava-se ensino profissional. Os filhos dos associados, às vezes com 10 ou 12 anos, começavam como “aprendizes”, passando a “companheiros” e, finalmente, a “mestres”. O período de aprendizagem podia durar dez anos, ao cabo dos quais o artesão prestava juramento aos estatutos de sua corporação. Esses métodos do corporativismo medieval desapareceram com a introdução da máquina. A formação profissional deixou de ser afeta a entidades fechadas, como as corporações, e fez-se espontaneamente, não raro caoticamente (VOLT, 2008).

Este artigo tem como objetivo fazer uma análise sobre o desenvolvimento das novas profissões no Agreste através da bibliografia pertinente. A primeira parte deste trabalho fará uma revisão bibliográfica da

¹ Pesquisadora e Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Estadual da Paraíba - PPGDR/UEPB. Doutorado em Ciências Sociais; Mestrado em Sociologia; Licenciatura em Sociologia. E-mail: aburnett8@gmail.com

evolução histórica desta abordagem teórica. A segunda parte tratará das novas categorias profissionais do Agreste a partir da pesquisa empírica no âmbito do meu pós-doutorado em Desenvolvimento Regional. Tomamos como metodologia a história oral de vida através das transcrições das entrevistas individuais livres desses agentes sociais.

A evolução histórica da abordagem teórica

A primeira tentativa de análise das profissões, intitulada *The Professions*, foi publicada pelos britânicos Carr-Saunders & Wilson, em 1934. A obra tratou da origem histórica de cada grupo que podia ser considerado profissão na Inglaterra. A discussão teórica destes autores sistematizou uma visão das profissões e dominou os escritos sobre as profissões e as investigações dos cientistas sociais sobre as profissões. Os estudos destes autores criaram duas metodologias características para a pesquisa sobre as profissões, combinando naturalismo e tipologia.

Em 1964, Geoffrey Millerson, tentou uma nova análise geral das profissões. Millerson reconheceu que as definições baseadas em traços característicos quase sempre refletiam em posições politicamente tendenciosas. Por exemplo, se alguém não gosta de serviço social pode facilmente encontrar traços característicos a fim de excluir esta profissão das categorias de profissões de prestígio. Portanto, o autor sugere evitar este procedimento identificando apenas traços genéricos de profissionalismo, tais como, organização, educação, ética e, assim, permitindo variações internas mais amplas (MILLERSON, 1964).

Outros autores confrontaram esta diversidade empírica mais diretamente. Uma reação anterior emergiu dos teóricos da profissionalização. A diversidade de prováveis profissões surgiu porque o *status* profissional era um estágio final que poucas profissões não tinham ainda atingido. A diversidade desapareceria com o tempo à medida que os grupos fossem adquirindo as marcas de reconhecimento profissional. Portanto, o conceito de profissionalização, então, consumou a combinação do naturalismo com a tipologia, ou seja, a profissionalização era um processo natural, mas, este processo culminava em uma série de tipos (ABBOT, 1988). Em 1964, Wilensky publicou um artigo que demonstrou tal sequência regular nas profissões americanas. A profissionalização, então, tornou-se um fato estabelecido (WILENSKY, 1964).

Assim que a profissionalização se tornou um conceito estabelecido, o estudo das profissões foi repentinamente redesenhado pelo novo clima político dos anos 1960. Os trabalhos anteriores aos da profissionalização ficaram na esfera funcional característica da sociologia do pós-guerra. Atribuiu-se à organização acadêmica das profissões para a posição de especialistas. A “assimetria da especialização” demandava ao cliente de confiar no profissional e do profissional de respeitar tanto cliente como colegas. Estas relações eram garantidas por várias formas institucionais – associações, licenciamentos, códigos de ética.

Mas os teóricos que rejeitavam as teorias funcionais disputaram a cena. Ao ver monopólio no lugar de controle de relações assimétricas, os novos teóricos mudaram o foco do debate de formas de profissionalização para suas funções. Códigos de ética vieram depois da profissionalização não porque culminaram num crescimento natural, mas porque serviam à função de excluir forasteiros, função que se tornou importante somente depois da comunidade profissional ter sido gerada e consolidada (ABBOT, 1988).

Assim, a nova literatura desmascarou a anterior como ideológica e culminou com a publicação de Magali Larson, em 1977. A obra da autora sugere que as profissões são explicitamente organizações de mercado tentando a dominação organizacional e intelectual de áreas de preocupação social. Seu trabalho tratou de temas e argumentos padrões através do estudo sobre as profissões anglo-americanas. Larson elencou as profissões como organizações dominadas pelo mercado. Ao aceitar a profissionalização como uma coisa a ser explicada, os novos teóricos do poder aceitaram os argumentos por trás do conceito. Argumentos que incluíam não somente a ideia de uma sequência de eventos ou funções, como também sobre os melhores exemplos de profissionalismo, como no direito e na medicina americanos, sobre suas qualidades essenciais e caráter do mundo interprofissional (LARSON, 1977).

De acordo com Abbot (1988), a divergência entre os funcionalistas e os monopolistas não foi total e também não foi unidimensional. Os dois grupos enfatizavam diferentes consequências do profissionalismo. Alguns autores enfatizavam consequências internas do profissionalismo que afetam a área própria do trabalho profissional, como tratamentos e auditorias. Outros tinham interesses nas consequências do profissionalismo, mais por uma questão de *status* e poder.

Na encruzilhada dessas duas dicotomias surgiu uma outra abordagem investigando consequências externas mas, em níveis individuais. Tanto Ben-David (1963) como Bledstein (1976), enfatizaram a função do profissionalismo na proteção de certos indivíduos da estrutura rígida de emprego que emergiu no capitalismo do século dezenove. Além deste argumento de independência, ambos afirmavam que o profissionalismo também promovia condição para mobilidade vertical, definindo implicações do profissionalismo nas suas

consequências externas de *status*, dinheiro e poder, mas no plano individual. O profissionalismo seria, então, um problema de escolhas individuais e ação corporativa para protegê-las.

Para Abbot (1988), as profissões são grupos ocupacionais exclusivos que aplicam um conhecimento de alguma forma abstrato em casos singulares. Esta teoria concerne a evolução e inter-relações das profissões, e, mais amplamente, as maneiras como os grupos ocupacionais controlam conhecimento e competência. Essas inter-relações são, de alguma forma, determinadas pela maneira como esses grupos controlam seu conhecimento e competência.

Segundo Abbot há duas maneiras diferentes de conseguir o controle. A primeira enfatiza a técnica por si própria, e as ocupações que usam esta forma são comumente chamadas de artesanais. A segunda forma de controle envolve conhecimento abstrato, porque a competência prática se desenvolve a partir do sistema abstrato de conhecimento e o controle da ocupação se sustenta no controle das abstrações que gera as técnicas práticas. O que importa para Abbot é uma abstração efetiva o suficiente para competir num contexto histórico e social muito particular, e não uma abstração relacionada a algum suposto padrão absoluto. Seu interesse não é nas profissões dominantes, mas, também, nos grupos marginais como do Agreste, como veremos adiante. Uma definição muito específica os excluiria, apesar de eles terem marcado o sistema de profissões.

Durkheim (1992) caracterizou profissionalismo como uma forma de moral comunitária baseada na associação ocupacional e produtora de solidariedade. Já Tawney (1921) afirma que profissionalismo é uma força capaz de sujeitar o individualismo crescente às necessidades da comunidade. Marshal (1950) enfatiza altruísmo ou “serviço” como orientação profissional, como uma prevenção contra ameaças à estabilidade dos processos democráticos. No entender de Parsons (1951), o treinamento profissional deve cultivar o equilíbrio certo entre o interesse próprio e o interesse coletivo o qual sustentado pela interação da comunidade ocupacional é vital para a ordem social.

Na década de 1990, pesquisadores começaram a recuperar os lados tanto positivos como negativos do profissionalismo e ampliar o debate sociológico, compreendendo a caracterização do profissionalismo como projeto de ocupação de uma fatia do mercado. Freidson (1994, 2001) argumenta que profissionalismo é a única forma de controle ocupacional do trabalho e sugere que as virtudes do profissionalismo devam ser reforçadas. Esta retomada não foi centrada na instituição, pelo contrário, retornou ao tema do profissionalismo como um valor central normativo das primeiras análises (BURRAGE; TORSTENDAHL, 1990; ANNANDALE, 1998).

Novas categorias profissionais do Agreste

A *Feira da Sulanca*² teve origem em Santa Cruz do Capibaribe situada na Mesorregião do Agreste pernambucano, região intermediária entre o Litoral/Mata de clima úmido e o Sertão semiárido e, mais especificamente na Microrregião do Alto Capibaribe, por abrigar a nascente do rio Capibaribe. Sendo uma região intermediária, a Mesorregião do Agreste é naturalmente bem diversificada, permeada de brejos de altitude, verdadeiros oásis que permitem a agricultura permanente, em meio a áreas de caatinga onde tradicionalmente se desenvolveu a pecuária extensiva para abastecer a região metropolitana, como observado em Manuel Correia de Andrade (2005).

Geologicamente, a Mesorregião do Agreste está situada no Planalto da Borborema em altitude média entre 400 a 800 metros, também conhecido como Serra das Ruças, região montanhosa no interior do Nordeste brasileiro e se estende pelos estados da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Alagoas (IBGE, 2011). O município de Santa Cruz do Capibaribe dista de 180 km da capital do estado, Recife, e faz parte de um território tradicionalmente denominado de *Cariris Velhos*, com baixa densidade pluviométrica e solos rasos (BURNETT, 2013b).

O fenômeno produtivo/comercial denominado *Feira da Sulanca* emergiu durante as décadas de 1950 e 1960, a partir do aproveitamento dos retalhos provenientes da indústria têxtil do Recife num primeiro movimento, e dos retalhos vindos dos rejeitos da indústria têxtil vindos de São Paulo, num segundo movimento, os quais se adicionaram aos usados *a priori*. Esses retalhos serviam de matéria-prima para as costureiras dos sítios, as quais produziam peças de roupas e cobertas emendando os retalhos para serem vendidas nas feiras livres, servindo como complementação da renda do sítio.

A mão de obra era a familiar, a unidade produtiva o domicílio e a produção doméstica e artesanal. Essa unidade produtiva passou para a zona urbana seguindo as exigências tecnológicas da linha de produção, uma vez que os retalhos vindos do Sul demandavam maior tecnologia dos meios de produção e se tornou semi-industrial. Esse fenômeno se expandiu formando uma rede nacional de parentesco e amizade de arranjos

² O vocábulo *Sulanca* supostamente originou-se das palavras *belanca*, referindo-se aos *retalhos* de tecido sintético usado nos anos 1960, os quais vinham do *Sul*. Portanto, *sul+belanca = sulanca*.

produtivos e comerciais diferenciados e hoje é denominado de Polo de Confeccões do Agreste de Pernambuco (BURNETT, 2013a).

A economia informal do Agreste

A feira livre nordestina se dá num circuito itinerante numa microrregião. Por exemplo: a feira tradicional de Santa Cruz acontece às segundas-feiras, a de Jataúba na sexta-feira, já a de Caruaru, que foi a pioneira e é a maior, tem lugar no sábado. Dessa forma, o feirante terá diversas oportunidades de oferecer seu produto na mesma semana com pouco deslocamento, ou seja, numa distância curta, dentro da mesma região. Caruaru, como é uma cidade maior, além da feira central aos sábados, tem também as dos bairros: no domingo no bairro de São Francisco, na segunda-feira no bairro do Salgado e assim por diante. Alguns feirantes ficam somente nesse circuito municipal. Estas são as características de base da feira nordestina: improvisada, temporária e itinerante.

O que os *sulanqueiros* fizeram foi extrapolar esse circuito microrregional e ampliar sua área de atuação. Por exemplo: numa semana o *sulanqueiro* se deslocava para a região de Feira de Santana, na Bahia e fazia o circuito daquela região. Na outra semana ele se deslocava até a região de Barreiras, também na Bahia, e fazia as feiras da semana naquela área. Então, eles voltavam para Santa Cruz, pagavam as costureiras, se reabasteciam e saíam em busca de outro circuito de feiras.

Dessa forma, o produto *sulanca* ficou conhecido pelo Nordeste afora. Verificamos também esta categoria de feirantes itinerantes denominada de *sulanqueiros*, por viajarem vendendo o produto *sulanca*, nos depoimentos das pesquisas de Sandra Alves Silva (2009); Alana Souza (2012) e Glauce Campelo (1983). Devemos ressaltar que atualmente o termo *sulanqueiro* se refere a qualquer pessoa, a qual tenha uma atividade qualquer ligada à fabricação e comércio de *sulanca*, ou seja, que atue no universo múltiplo e diversificado no qual se tornou a *sulanca*. Como da mesma forma, devemos ressaltar que a categoria *retalheiro* não é usada e nem reconhecida no meio da *sulanca*. Esta categoria foi criada a partir das pesquisas dos estudiosos em migrações nordestinas em São Paulo, os quais detectaram esta categoria no contexto de industrialização e urbanização daquela cidade nas décadas de 1950 e 1960 (BURNETT, 2014).

Metodologia

Como metodologia, recorreremos a estratégias de pesquisa baseadas centralmente na história oral de vida dos agentes sociais que compõem este complexo comercial/produtivo. A partir do relato oral (depoimentos e entrevistas individuais livres), foi possível chegar aos valores inerentes aos sistemas sociais em que vivem esses atores sociais. Aspectos importantes da comunidade, comportamentos, valores e costumes, podem ser detectados através da história de cada protagonista.

De acordo com Bom Meihy (2005), a história oral é um recurso moderno usado na elaboração de documentos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. A história oral de vida corresponde à narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa. As histórias de vida têm sido usadas com a intenção de entender a sociedade nos seus aspectos íntimos e pessoais. A história oral como metodologia de trabalho científico tem sido usada na academia brasileira como herança da tradição anglo-saxã. Paul Thompson (2000), sociólogo e historiador social britânico, utiliza esta reflexão como método para sua pesquisa científica - o *sujeito social*, o colaborador, tem mais liberdade para narrar sua experiência pessoal. As perguntas servem simplesmente como indicativo, colocadas de forma ampla dando maior liberdade ao *sujeito* para dissertar. Para conduzir as entrevistas das histórias orais de vida dos protagonistas da *sulanca*, utilizamos uma espécie de “linha do tempo” possibilitando aos entrevistados “mergulhar” nas histórias de vida dos seus ancestrais do sítio, na *experiência* herdada e narrar o envolvimento com as atividades da *sulanca*.

A realização de entrevistas livres, gravadas e transcritas, com os protagonistas da *Feira da Sulanca* foram ferramentas fundamentais para esclarecer vários pontos da história desses atores sociais. Ao todo realizamos trinta entrevistas, principalmente com os pioneiros da *sulanca* e a geração dos filhos que deram continuação ao negócio da *sulanca*. As entrevistas foram realizadas em Santa Cruz do Capibaribe no ano de 2013.

Fontes Oraís

Graças a Deus não precisou eu exercer a profissão de professora

Meus avós moravam no sítio Minguaiú, depois vieram morar na Barrinha. Tiveram 13 filhos e ali minha vó começou a costurar naquela maquinazinha que era na mão. E ali eu fui vendo ela costurando, eu era pequena, e a gente foi aprendendo, com a minha vó, depois da minha vó, passou pra minha mãe. A gente começou a trabalhar pras outras pessoas, não era pra gente, no salão das outras pessoas. E, começemo aprender a costurar, são 7 filhos, foi uma vida assim muito difícil, porque a gente não tinha outra renda, era só o trabalho mesmo, nas máquina e graças a Deus foi uma história pras nossas vida

que foi melhor do que uma escola. Porque quando a gente estudava, a professora dizia assim: “Minha gente, vamo estudar, vamo estudar, porque a sulanca em Santa Cruz daqui a 10, 15 anos, a sulanca não vai existir mais”. E, ali eu tinha muito medo porque era de quê a gente vivia, e um dia a professora me chamou e disse assim: “Incentive suas irmã, seus irmão estudar, porque em breve aqui quem não estudar não vai poder trabalhar, tem que ter os estudo”. E eu me esforçava muito, trabalhava durante o dia e à noite eu estudava, me formei pra professora, mas, graças a Deus, não precisou eu exercer a profissão como professora. Porque eu comecei a trabalhar, trabalhava pra os outro durante o dia e a primeira máquina que eu comprei foi a Mauro Feitosa – comprei uma 21 e minha mãe comprou uma overlock e a gente trabalhava durante o dia pra os outro e de noite fazia serão pra gente. E foi ali que a gente começou, e começou botando na feira de pouquinho, de pouquinho, manhécia o dia na feira, vendendo aquela mercadoriazinha pouca, mas, foi tendo o acréscimo, cada mês foi aumentando, foi aumentando e a minha mãe botou fabrico em casa e a gente deixamos de trabalhar pra os outros e começemo a trabalhar pra minha mãe e da minha mãe a gente foi cada um botando seu próprio fabrico e casou todos 7. Hoje em Santa Cruz todos 7 tem fabrico, todos 7 são casado, tudinho vive bem e graças a sulanca de Santa Cruz. Já faz mais de 30 ano que a gente vive nessa luta e a sulanca só tem aumentado, não foi como as professora dizia, que ia acabar, que ia acabar. Eu aconselho a todo mundo que estude, mas também trabalhe, porque a nossa história em Santa Cruz, todo mundo conhece a nossa família, que foi tudo, tudo da sulanca, como era chamado, hoje é confecções, que graças a Deus é umas confecções boa, num faz vergonha pra qualquer país, pra qualquer loja, mas, eu aconselho a todo mundo, principalmente pra quem trabalha comigo aqui no salão: “hoje vocês trabalham pra mim, mas, em breve cada um vai ter o seu fabrico”.

Observamos a preferência da entrevistada pelo trabalho na *sulanca* como valor de mais prosperidade, poder e distinção do que um trabalho fruto da qualificação formal. A relação entre a atividade da *sulanca* e a educação tem sido um problema de difícil superação, conforme foi observado por Sandra Alves Silva (2009), na sua dissertação de mestrado *A juventude na “Sulanca”: Os desafios da inserção no mundo do trabalho em Taquaritinga do Norte, Pernambuco*.

A falta de correspondência entre os ganhos propiciados pelas atividades de confecções e o grau de escolaridade tem sido um fator de desestímulo ao ingresso e permanência dos jovens na escola, concorrendo assim para a persistência dos baixos níveis de escolarização da região. Por outro lado, o saber necessário à reprodução e desenvolvimento das atividades na *sulanca* tem sido socializado mais pelas vias informais, familiares, de aprendizagem prática, do que pela via formal, escolar. A “modernização” dos processos de produção e comércio dos produtos da *sulanca* (leia-se: processo de inserção e conversão aos mercados capitalistas) tem encontrado aí um dos seus principais limites.

A gente vendia tanta máquina nos anos 70 que tinha até lista de espera

Teve aqui um gerente do Banco do Brasil em 71, alavancou a economia daqui, nesse sentido, seu Barroso, ele abriu pra vender máquina. Ele chegou na loja e disse: “venda máquina pra todo mundo que o banco paga”, aí isso cresceu de um momento pra outro. A feira mesmo da rua Siqueira só começou mesmo na década de 70. Em 77 a feira tava praticamente começando, era em quatro a cinco rua somente. A expansão mesmo foi na década de 80, que aí começou também em Caruaru.

A energia de Paulo Afonso só chegou em Santa Cruz em meados de 60 em algumas ruas. Até então Santa Cruz tinha um motor que produzia energia para as ruas do centro. Não tinha energia nos sítio, as costureira costurava com máquina doméstica, pé duro.

Anágua era uma saia de baixo que as mulheres usavam e era a coisa mais simples de fazer porque pegava um pedaço de tecido, três ou quatro pedaço de tecido laquê, esse tecido já era daqui mesmo de Pernambuco das fábrica do Recife, do cotonificio da Torre, da Macaxeira, que um senhor trazia pra aqui pra Santa Cruz. Era um tecido brilhoso, aí fazia a anágua com aquilo ali, e o pessoal aqui não tinha muito acesso naquela época, como tem hoje, a elástico. Eles faziam o seguinte: tem uma rua por trás aqui em Santa Cruz que eles chamavam rua do Arame. Mas por que o nome rua do Arame? Porque eles pegavam aquela virolá de pneu, todo pneu tem uma virolá de proteção que tem um aramezinho fino. Eles botavam fogo naquilo ali pra tirar uma liga que tem dentro, que era pra botar justamente nessas anágua e nos calçãozinho, era uma liga preta.

A gente vendia tanta máquina nos ano 70 que tinha até lista de espera. O gerente do banco mandava o povo comprar que o banco financiava. Nem precisava de cadastro, era tudo na base da confiança. Só precisava do cadastro da loja.

Eu pegava as peças nas costureira e elas colocava num caderno e às vezes nem colocava, ia 100 peça, gravava que era 100 e ficava. Por exemplo, 100 blusinhas, aí eu ia vender na Mata Sul: Barreiros, Cucaú. A gente saía daqui na sexta-feira, no sábado de manhã a gente tava em Palmares, no domingo a gente tava em Cucaú, aí ia embora, quando era na terça-feira ia pagar. Eu levava as peça, vendia, aí vamo dizer que eu levava 100 blusas, aí eu só vendia 30, aí eu tinha 70, aí eu dizia: “eu vou lhe pagar as 30 e as 70 a senhora quer de volta?” “Não, fique, na próxima semana você leva de novo”, certo? Ela achava melhor trabalhar dessa forma com as pessoas. Toda feira da Zona da Mata é no domingo, tanto a Zona da Mata de Pernambuco como a de Alagoas e até de Sergipe. E começa às cinco e meio, seis horas e termina, nove hora já não tem mais nada. Por quê? Porque é o tempo que a usina tá moendo, porque tem a época, que é agora em setembro que a usina para, né isso? Mas na época que a usina tá moendo, que é

de março a setembro, o pessoal só tem o domingo pra passar no barracão acertar tudo, fazer a feira. Já numa cidade maior como Palmares, aí tem feira na quarta, na quinta, mas nas cidades menores é tudo no domingo. Naquela época da década de 60, 70, 80, quando eu chegava nas feiras da Mata Sul, como aqui no Agreste: Garanhuns, Bom Conselho, essa região, chegava tinha um ou dois vendendo *sulanca*, hoje não, quando você chega tem uma feira da *sulanca*, com 20, 30. Na década de 80 quando a gente tinha 80 ônibus aqui pra comprar na feira de Santa Cruz era um sucesso. A gente fazia umas saíngas de mesclinha, os compradores da Bahia brigavam pra comprar. Era pouca oferta pra muita demanda e hoje é o contrário. Isso tudo sem nenhum incentivo do governo e até hoje é assim. Até hoje não tem agência do Banco do Nordeste aqui, só em Caruaru e mesmo assim não tem autonomia, pra você tirar um empréstimo depende de Fortaleza. A aprovação tem que ser pela gerência de Fortaleza.

As relações de confiança se estendiam mesmo ao setor bancário. O gerente do banco confiava na indicação das pessoas que o dono da loja lhe enviava para tirar o empréstimo e comprar a máquina na sua loja. Na realidade, o dono da loja funcionava como avalista de todos os seus clientes. Dessa forma, o gerente dispensava o cadastro do candidato, mas, na verdade, o comprador ficava dependente do critério do dono da loja, ou seja, o controle sobre o acesso ao financiamento sendo dele. Campelo (1983, p. 103) argumenta que “a dificuldade de acesso ao sistema de crédito formal pela falta de garantias reais se assemelha às categorias do setor primário – parceiro, arrendatário, ficando à margem dos benefícios que o sistema formal pode proporcionar”. Interessante notar, com isso, que os procedimentos capitalistas (neste caso, bancários) e de referência desenvolvimentista (o que explica a ação do Banco do Brasil na região) precisou se adaptar aos costumes locais (fortemente referenciados nas relações personalizadas, baseadas na confiança e na informalidade).

Confirmamos também que a *feira da sulanca* como instituição independente da feira livre tradicional só aconteceu no fim da década de 1970. Antes disso o escoamento do produto *sulanca* era feito principalmente pelos *sulanqueiros*, feirantes itinerantes, os quais faziam o circuito das feiras em vários estados, validando assim a existência da categoria *sulanqueiro* nos primórdios da instituição. Verificamos, da mesma forma, que a energia de Paulo Afonso só começou a ser distribuída em Santa Cruz do Capibaribe no fim da década de 1960, quando só então passou a ser possível a instalação de máquinas semi-industriais na sede do município.

Observamos que o circuito de feiras da Zona da Mata obedecia ao sistema de moagem da monocultura canavieira, onde o cortador de cana só tinha o domingo para fazer feira, circuito diferenciado do Agreste, o qual tinha atividades agropastoris mais “livres” e diversificadas.

Eu encomendava às costureira e vendia na Bahia

Eu nasci em 1967 aqui e daqui meu pai foi andando e a gente foi acompanhando. Ele era corajoso e ainda levou dois irmãos e um primo pra essas viagens dele, pra onde a gente ia, ele ia com a família inteira, meus tios, minhas tias. A gente já voltou em 82 praqui. A *sulanca* já tava bombando. Aí, começou, “aí eu vou pra São Paulo agora comprar tecido pra vender”. Só que foi de sociedade, a sociedade se desfez. “Vamo começar uma confecção”. Aí a gente passou a confeccionar. E durante uns seis anos, a gente foi confeccionando e confeccionando, aí eu me casei e passei a confeccionar só. Passei um certo tempo confeccionando, só que eu achei que vender em outras cidades, comprando aqui em Santa Cruz e vendendo em outras cidade, me daria bem. Aí eu passei uns dez anos, comprava aqui e vendia em outras cidades, na Bahia, vendia em Irecê, vendia em Ibotirama, vendia em Barreiras. Eu encomendava às costureira. Eu dizia: “eu quero tantas blusas, elas faziam blusas ou tantas bermudas, elas faziam bermudas”. E eu pegava com elas e vendia na Bahia. Elas costuravam com o material delas e eu vendia e pagava quando voltava. Eu ia de ônibus pra Ibotirama, que é mil e seiscentos quilômetros, oeste da Bahia, terra da soja, algodão, milho, antes era feijão. Aí eu ia nas feiras de Ibotirama, na feira de Javi, que é uma vila, em Barreiras, ia em Luis Eduardo, que quando começou o nome era Mimoso, depois passou a ser Luis Eduardo. Aí no começo vendeu bem, o povo conhecia, mas não tinha aquele acesso de vim praqui. Hoje toda semana tem excursão, todos vêm comprar na fonte. Só que aí eu vi que o negócio não tava dando muito bem. Eles acharam por bem vir comprar aqui, aí minha venda caiu.

O entrevistado pertence à categoria de *sulanqueiro* na acepção de origem e fazia o circuito das feiras do sertão baiano. Atualmente os compradores baianos organizam excursões semanais para vir “fazer a feira” na fonte. A filha e o genro trabalham no ramo de confecções dentro da rede de “conhecimento” que atingiu o Norte do Brasil. Porém, ela estuda Direito e pretende fazer concurso.



Figura 1: Foto do início da *Feira da Sulanca*. Segundo o professor e pesquisador Arnaldo Vitorino, a informação que ele tem desta foto, é que ela foi concebida numa cidadezinha da Bahia, quando a turma de Santa Cruz do Capibaribe começou a viajar para o interior daquele estado (data desconhecida). Fonte: Arquivos do professor Arnaldo Vitorino.

Considerações finais

Verificamos que o produto *sulanca* a princípio se nutriu dos resíduos nos “bastidores” da indústria têxtil do Recife e de São Paulo nas décadas de 1950 a 1970, no cenário da “revolução industrial” brasileira do pós-guerra. As relações comerciais na origem eram feitas na base da confiança e do escambo. O mercado para o produto *sulanca* foi expandido a partir dos *sulanqueiros* que viajavam para fazer as feiras em outros estados do Norte e Nordeste. Esse movimento dos *sulanqueiros* fez com que o produto *sulanca* se tornasse conhecido pelos rincões mais remotos do Norte e Nordeste, atraindo clientes e pessoas de fora, interessadas em participar da economia da *sulanca*. A emergência da categoria profissional dos *sulanqueiros* foi uma “invenção” dos agentes sociais do Agreste porque não teve precedentes em termos de organização e normas profissionais codificadas e pré-estabelecidas, por conseguinte, uma contribuição à sociologia da construção dos grupos profissionais.

Referências bibliográficas

- ALVES DA SILVA, Sandra Roberta. **A juventude da Sulanca:** Os desafios da inserção no mundo do trabalho em Taquaritinga do Norte, PE. Campina Grande, 2009. 177f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Paraíba.
- ABBOT, Andrew. **The System of Professions:** An essay on Division of Expert Labor. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.
- ANNANDALE, E. **The sociology of Health and Medicine.** Cambridge: Polity Press, 1998.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste** – Contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. São Paulo: Cortez, 2005.
- BEN-DAVID, Joseph. Professions in the Class system of Present Day Societies. **Current Sociology**, (12):247-98, 1963.
- BLEDSTEIN, Burton J. **The Culture of Professionalism.** New York: Norton, 1976.
- BURNETT, A. O Debate sobre Dependência, Marginalidade e Informalidade: Para Uma Perspectiva de Abordagem do Fenômeno *Sulanca*. **Em Debate: Rev. Dig.**, Florianópolis, n.9, p. 140-161, jan-jun, 2013a.
- BURNETT, A. A “saga” dos *retalheiros*: um estudo sobre a instituição da *Feira da Sulanca* no Agreste pernambucano no século XXI, **Revista de Ciências Sociais**, v. 3, nº 2, p. 09-4º, jul/dez. 2013b.
- BURNETT, A. O “Ponto de Mutação” da *Sulanca* no Agreste de Pernambuco. **Revista História Oral**, v. 7 n. 2, 2014.
- BURRAGE, M. & TORSTENDAHL, R. **Profession in Theory and History:** Rethinking the Study of the Professions. London: Sage, 1990.

- CAMPELO, Glauce Maria da Costa. **A atividade de confecções e a produção do espaço em Santa Cruz do Capibaribe**. Recife, 1983.155f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Ciências Geográficas da Universidade Federal de Pernambuco.
- CARR-SAUNDERS, A. P. & WILSON, P.A. **The Professions**. Oxford: Oxford University Press, 1933.
- DURKHEIM, E. **Professional Ethics and Civic Morals**. London: Routledge, 1992.
- FREIDSON, E. **Professionalism Reborn: Theory, Prophecy and Policy**. Cambridge: Polity Press, 1994.
- FREIDSON, E. **Professionalism: The third logic**. London: Polity, 2001.
- LARSON, Magali S. **The Rise of Professionalism**. Berkeley: University of California Press, 1977.
- MARSHAL, T. H. **Citizenship and Social Class and other Essays**. Cambridge University Press, 1950.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- MILLERSON, Geoffrey. **The Qualifying Associations**. London: Routledge, 1964.
- PARSONS, T. **The Social System**. New York: The Free Press, 1951.
- SOUZA, Alana Moraes de. **“A gente trabalha onde a gente vive”** – A vida social das relações econômicas: parentesco, “conhecimento” e as estratégias econômicas no Agreste das confecções. Rio de Janeiro, 2012. 228f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- TAWNEY, R. H. **The Acquisitive Society**. New York: Harcourt Bruce, 1921.
- THOMPSON, Paul. **The voice of the past: oral history**. New York: Oxford University Press, 2000.
- VOLTI, Rudi. **Sociology of Work and Occupations**. Los Angeles: Pine Forge Press, 2008.
- WILENSKY, Harold L. The Professionalization of Everyone. **American Journal of Sociology**, 70 (2):137-58, 1964.

Fontes Orais

- ARRUDA, Sônia Maria. Graças a Deus não precisou eu exercer a profissão de professora. Entrevistadora: Annahid Burnett. Santa Cruz do Capibaribe, 10 julho 2013.
- EUDO, José. Eu encomendava às costureiras e vendia na Bahia. Entrevistadora: Annahid Burnett. Santa Cruz do Capibaribe, 10 julho 2013.
- SOUTO, José. A gente vendia tanta máquina nos ano 70 que tinha até lista de espera. Entrevistadora: Annahid Burnett. Santa Cruz do Capibaribe, 21 julho 2013.

Recebido em dezembro de 2020
Aceito em fevereiro de 2021